

NOTAS

A "manchette" do jornal, entrevista no ônibus, era inquietante: "O Uruguai romperá relações com o Brasil". Espichei o pescoço tentando ler algum título esclarecedor, mas o homem do segundo banco virou a página, como se não desse a menor importância às nossas relações com a simpática república vizinha.

Confesso que tive um mau pensamento: pensei no general Góis Monteiro. E na sua viagem ao Sul. Teria ele ameaçado fazer invadir o Uruguai pelos seus lendários granadeiros ou pelo famoso Exército de Alagóas? Quando saltei e comprei o jornal, suspirei com alívio. Tratava-se apenas de relações de futebol, o que não deixa de ser grave, mas não é tanto.

O general, por sua vez, estava inocente.

Mas o fremente patriotismo do futebol deve ter um limite — aquele além do qual toda a honra de um país fica entregue aos pés de 11 rapazes. Mesmo incluindo a cabeça de Baltazar — que, afinal de contas, é um terceiro pé.

• • •

Continuamos impressionados com os dias do Presidente; os da semana passada foram de doçura sem fim, coroados pela festinha de aniversário. A qual transcorreu na mais perfeita intimidade, embora bem guardada: um jornal do governo teve de mandar retocar o clichê para tirar a cara (não bonita) de um guarda-costas.

Dos presentes recebidos houve dois que fazem pensar. Um grupo de jornalistas ofereceu ao Presidente um chicote de aço. Os ministros e auxiliares imediatos ofereceram um tapete.

O simbolismo, quando é muito grosseiro, perde a graça.

~~24/10/52~~ R. B.

24.5.52